



HOMOSSEXO

MOASIPRIANO



MOASIPRIANO.COM

HOMOSSEXO

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração

Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia

pixabay.com

dafont.com

Todos os direitos reservados a

Moa Sipriano

Site oficial & Contato

moasipriano.com

escritor@moasipriano.com

Intro

Uma “Reserva Especial”. É assim que defino a coletânea de contos homoeróticos que você está prestes a devorar. Uma cuidadosa seleção capaz de elevar seus instintos mais primitivos, reavivar suas fantasias mais íntimas, acender seu fogo mais sagrado.

Talvez você encontre traços polêmicos e revoltantes em determinados parágrafos. Porém, minhas cruas verdades são repletas de poesia e reflexão em doses exatas, pois a Senhora Hipocrisia não encontra respaldo nos meus enredos.

Nas entrelinhas de algumas passagens, faço questão de provocar você, tonteando seus sentidos, revoltando seus dogmas, destroçando os limites do seu espírito, enfim, liberto. Eu me excito quando sei que alucino todos os poros da sua alma boquiaberta.

Não pretendo, com minhas histórias, somente elevar seu sexo. No decorrer da leitura, você vai descobrir o quanto amo aguçar sua inteligência e cutucar sua razão com minha boa vara... de condão!

Aqui do outro lado, quero pressentir seus calafrios, me aquecer com seu gozo, me esbaldar na sua plena satisfação. Sentado em misterioso berço esplêndido, sei que vou ouvir seus “uaus” em aguda sonoridade. É o sinal do meu dever muito bem cumprido.

Agora eu me “dou” pra você, sem rodeios, só amarrações.

Vibre com meus Homens, meus Machos, meus Femininos, meus “Dualidades”. Seres mágicos que saberão conduzir sua libido e sua sensibilidade ao próximo nível.

M. S.

Nas areias com Madonna

Eu estava cansado do meu autoextermínio na Casa Mofada, consumindo litros de cerveja e fazendo meu pau gritar “aleluia” após uma overdose de punhetas durante horas e horas e horas a fios soltos.

Resolvi tomar o vigésimo banho congelante, vesti uma velha calça de moletom sem nada por baixo, calcei meus Riders, investi numa camiseta Hering salmão que tanto amo e saí para zanzar um pouco pela orla, na esperança de que o ar puro e afrescalhado retirasse parte da podridão que infestava meus pensamentos.

Sentia-me péssimo, cansado, acabado. Porém, bastou abrir a porta para que a Dama da Noite despertasse em mim a porra do desejo de praticar um milhão de sacanagens com um quaquilhão de desconhecidos.

Rodopiei por mais de hora e meia pelas areias ensopadas da ilha comprida. Quando cheguei próximo ao prédio da Prefeitura, meus pés imploraram por alguns minutos de descanso, obrigando-me a relaxar o anseio, apoiando meus vazios numa duna sem maiores atrativos.

Parte do que restara de um barco atolado na areia era acariciado pelas ondas, como que tentando diminuir a dor no seu casco provocada pela inutilidade forçada.

Com a imagem da fantasmagórica embarcação gravada na retina, fechei os olhos e deixei os sons da maré alta penetrarem no meu baixo ânimo, acalentando meu espírito perdido, desolado, submisso.

Um foco de luz perturbador atingiu minhas costas. O som de um veículo invadindo meu sagrado silêncio quebrou o encanto da doce meditação.

Vi uma Ranger frear a poucos metros de onde eu estava. No volante havia um homem encorpado, de cabelos levemente ondulados, que ria sem parar, procurando abafar o som estonteante que vinha do rádio da caminhonete último tipo.

A cheirada assombração ria e blasfemava contra o locutor, dono de uma linda e autêntica voz de barítono, que anunciava a nova programação noturna de uma rádio local. Ao seu lado havia uma mulher estranha, desfocada, que abandonou o veículo em passos claudicantes, perdendo repetidas vezes o equilíbrio, cambaleando e ralando sua dignidade na areia fofa.

A mulher trajava uma espécie de camisola com estampa de pele de onça. Seus cabelos ruivos – nitidamente artificiais – cobriam-lhe a visão, tornando a simples tarefa de caminhar extremamente penosa.

Na mão direita, trêmula, ela segurava uma garrafa transparente do que eu julgava conter boa vodca. Na outra, a moçoila bailava uma bolsa delicada e um par de sandálias de salto alto repletas de brilho próprio... um tanto excessivo.

A Ranger, com seu ocupante histérico, deu ré, de repente. Assim que o carro virou na direção do asfalto, o motorista começou a gritar obscenidades, mandando a mulher tomar no cu de todas as maneiras impossíveis.

Fiquei chocado com o ritmo desenfreado das frases de baixo nível, numa saraivada de desoladoras expressões desconexas.

A mulher fez um sinal de “foda-se” para o diesel que evaporava na Avenida Beira-Mar. Ela arrastou-se pela areia fria, quase em oração, de tão bêbada e desnorteada que estava naquela altura de um campeonato falido.

Ao capturar uma foto para minha vasta coleção trintadiana e conferir o resultado na tela brilhante do meu Siemens velho de guerras, quase tive um treco ao perceber que a princesa, na verdade, era um homem travestido!

Comecei a rir enquanto ela tentava se aproximar de mim.

“E aí, meu tesão. Quer um pouco?”, disse a donzela com rouca voz de búfalo, me embriagando com o bafo de uma bebida de oitava qualidade que definitivamente não era vodca!

“Gostou do meu visú? Não tô uma delícia com esse vestidinho?”, perguntou minha nova amiga ao lançar suas tentações quase no meu colo.

Fiquei com um volumoso riso entalado na garganta.

“Que porra era aquilo!”, pensei... alto demais.

“Você viu só? Meu homem foi embora todo nervosinho só porque eu não quis comer o rabo peludo dele hoje. Porra cara, deu um trabalhão do caralho me vestir assim, me produzir toda, só pra satisfazer a porra da fantasia daquele porra maldito. Porra, ele só cheirava e só falava da porra do amante, aquele Voz de Bosta, enrustido filho-da-puta-do-caralho. Cacete, ‘eu amo ele pra caralho’, ele vomitava a todo momento dentro do carro... porra, tô até de Madonna só pra satisfazer o canalha. Caralho!”

Confusa e infantil, Madonna chorava copiosamente entre um gole de pinga e meia hora de repetitivas ladainhas sentimentais.

No final das lamúrias, confirmei que ele estava desesperado, pois não sabia como retornar ao seu balneário... vestido daquele jeito. Tentou por diversas vezes ligar para alguém através do meu celular. Não conseguiu.

Irritado, tirei a garrafa da mão dele e tomei um gole fenomenal do péssimo álcool falsificado. A bebida inflamou minhas vísceras.

“Olha como eu tô rapaz!”, ele gritava, apontando para a calcinha transparente que cobria uma cenoura fina e muito comprida.

“Eu preciso meter, caralho... urgente... senão... eu vou ficar louca!”

Completamente sem vontade, mas, ao mesmo tempo, excitado e embaçado com toda aquela situação tragicômica, tomei coragem para arrancar a renda que cobria o sexo empinado e comecei a pagar um boquete profíqua para minha mulher-macho.

“Porra, viadinho, porra como você chupa bem pra caralho... porra!”, gritava Madonna, apertando minha cabeça contra suas bolas, travando minha nuca com o litro frio da bebida batizada.

“Deixa a lôra aqui meter em você, porra. Você já foi comido por uma mulher de verdade?”, ele uivava, alucinado.

Virei a bunda pra lua e baixei os panos.

Madonna jogou um pouco da cachaça ralé sobre minhas costas arrepiadas e meu rego cavernoso. Uma língua miúda e texturizada, em conjunto com uma falha barba ressequida, promoveram maravilhas reconfortantes na periferia do meu hemisfério sul.

Madonna chupou minhas pregas, ao mesmo tempo em que abria espaço no meu rabo com a boca da garrafa quase vazia. Ele me penetrou com o casco, sangrando meu orifício após centenas de estocadas violentas.

Madonna não se importou com meu sangue, lambendo a mistura vinho com o restante do álcool, sem se dar conta do que acontecia conosco no mundo real.

“Fica de quatro que eu vou te enrubar, viadinho”, ele ordenou, em prantos.

Obedeci, anestesiado pela dor lancinante no rabo, desejando ser sufocado na areia movediça ou afogado nas ondas do mar revolto, já que nada mais me importava naquele batismo que coroava minha idiotice suprema.

Ela era péssima na arte da fodeção. Precisei conduzir o ato e a cenoura no lugar certo, até que finalmente a vareta enrugada realizou seu papel a contento.

Pela primeira vez na vida dei sem vontade nenhuma de dar, somente cumprindo um ritual sem valor em prazer ou conveniência.

Sentia-me uma antiga puta no auge do dever. Pena que eu não ia ganhar um tostão cedendo meus sonhos fragilizados.

Levou um milênio para Like a Virgin gozar. Aspirei toneladas de areia com a pressão da mulher-macho em meu corpo estatelado sobre a duna.

Ao finalizar o seu tesão-revolta, Madonna apartou o bruto cacete do meu cu choroso, enfiando-o na boca da garrafa, ejaculando em suas dependências cristalinas. Uma mistura de sangue, suor, merda, porra e pinga se depositou no pé do vidro transparente.

Em transe, ela observava a alquimia dos elementos da absurda magia, chacoalhando o litro para cima e para todos os lados.

“Tome, seu viado, beba tudo!”, Madonna segurou meu pescoço e enfiou a ponta da tirania em minha bocarra, forçando-me a engolir todo o elixir nojento que jazia no vidro melado.

Não consigo te explicar como tudo desceu... e não retornou!

Na sequência, fui brindado com um violento soco na fuça, seguido de um beijo volumoso que só um macho é capaz de proporcionar a outro homem.

Vogue passeava sua língua involuntária no interior da minha boca submissa, seguindo depois para as minhas orelhas e meu pescoço, alucinando o que restava dos meus sentidos ainda carnais.

“Enfia o dedo no meu cu, viadinho, enquanto eu bato uma pra você.”

Implorei mentalmente para não ser masturbado, mas de nada adiantou, pois a mão experiente de Madonna já havia retirado meu pau do ponto morto e acabei presenteado com uma calorosa punheta na noite siberiana.

Gozei algumas gotas de uma porra sem viço. Engoli vinte e dois litros de choro gasoso, presenteados por uma raiva enraizada. Descontei meus infortúnios fodendo o ponto gay da maluca com dois dedos rígidos, secos e arenosos da minha avacalhada mão esquerda.

“Morde meus peitos, sua bicha, morde meus bicos!”

Quase sem energia para mais nada, arranquei o que deveria ser um sutiã bem recheado e mordi os mamilos da mulher-macho, que se masturbava enquanto era fodida nos peitos e no rabo.

Madonna jogou sua dominação sobre meus ossos triturados, gozando a

segunda dose das suas chispas retorcidas no centro do meu peito arfante. Totalmente fora de si, a mulher-macho lambia seu próprio veneno espalhado nos vãos encardidos do meu tórax incolor.

Num abraço explicitamente carinhoso, unimos nossos corpos e bocas num beijo repleto de uma paixão inexistente. Aguardei o terceiro ato de um amor que não se prolongou.

Distante, Evita pediu mais uma vez o meu celular emprestado, ligando pelo que entendi ser outro amigo que talvez pudesse vir buscá-lo naquele horizonte perdido, bem longe da realidade. Após o demorado telefonema, acabamos cochilando – abraçados! – por tempo indeterminado.

Despertei ao pressentir os lamentos de uma moto que penetrara os arredores dos nossos domínios. Levantei com cuidado para não acordar minha amada. Caminhei até as ondas que cantavam para mim. Não olhei para trás.

Confiando meus poucos pertences a um ponto de tosca referência, joguei o que restava do meu ser nas águas sulfúricas. Purifiquei a pele carcomida pela areia.

O tempo passou... fora do tempo.

Ao sair das turbulências, nu, tiritando de frio, não captei nem sombra da minha Material Girl.

Chacoalhei feito um cão contrariado, desplugando os tecidos rugosos do meu corpo entristecido. Vesti meus trajes subalternos, pequei as chaves, o celular e juntei os pedaços da minha alma imunda.

Voltei para a Casa Mofada, exausto, abatido, vitorioso, surpreso.

Paranoia total.

Mais uma aventura.

Mais uma história pra contar.

Mais um motivo para...

Agasalho

Fato: Todo macho tem um preço.

Realidade: Mas nem todo homem possui a capacidade de discernir qual é o seu real valor.

Descobri que posso “comprar” um Masculino humilde por duzentos reais.

Eis a prova do meu crime:

Passei a manhã dessa sexta-feira na companhia de Ângela, uma grande amiga jundiaense. Há milênios ela foi namorada do Breno, meu irmão mais velho, quando ela morou em Curitiba.

O namoro neurótico dos dois acabou em poucos meses, mas a amizade saudável que construímos permanece intacta até hoje.

Ela mora na Ponte São João, um dos bairros mais agradáveis e tradicionais de Jundiaí.

Curtimos boas horas conversando em sua casa, degustando uma agradável e tranquila manhã marinada em suco de graviola e gelo, alegrias e fofocas.

Aproveitamos muito bem o único período disponível para uma visita, já que Ângela trabalhava no período da tarde em uma clínica veterinária na Rua Prudente e à noite cursava faculdade em Itatiba, cidade desprezível localizada a vinte minutos de Jundiaí.

Por volta das onze-e-porcos, eu acompanhei minha amiga até o Barateiro. Logo na saída do supermercado reparei em um rapaz todo vermelho em fúria a empurrar uma capenga bicicleta de um tom amarelado-pelo-amor-de-deus-me-pinte-de-outra-cor.

Ao delirar diante dos contornos dos seus músculos debaixo de um agasalho cinza – amo corpos normais ocultos por agasalhos esportivos –, eu fiquei enlouquecido.

Despachei Ângela o mais rápido que pude, ativando discretamente uma melodia no meu celular, simulando assim uma ligação. Em seguida, pedi desculpas, afirmando que minha tia precisava de mim com certa urgência.

Deixei minha amiga próximo ao Hospital Paulo Sacramento. De lá, ela seguiria a pé até a clínica. Três beijinhos e um tchau, voltei à caça do meu Agasalho.

Foi bem fácil localizá-lo. Ele estava sentado na mureta que cerca o supermercado, mexendo na corrente da sua Duas Rodas pré-histórica.

Sem cerimônia, cheguei e sentei quase grudando no coitado.

Com uma cara de T.J., perguntei se ele precisava de ajuda. Inocente até o último fio dos belos cabelos acobreados, ele afirmou que estava cansado de arrumar o câmbio daquela joça, mostrando-me marcas de cortes nas mãos, obra de uma bicicleta velha e tirana.

O cheiro de óleo e graxa e suor e ingenuidade, somado à visão daquele par de coxas estufadas foi me tirando do eixo. Eu não conseguia disfarçar minha excitação. Respirei fundo e perguntei para Agasalho quanto custava uma bicicleta nova. Ele respondeu rapidamente que o modelo que ele queria custava cento e noventa e nove reais na “Tico”.

“Você tem esse dinheiro?”, perguntei carregado em ironia, já intuindo o clássico retorno.

A resposta foi negativa, chorosa, de quase cortar corações, pois ele estava desempregado, tinha dois filhos para sustentar, havia um montão de gente que devia pra ele e não pagava... e mais um milhão de ladainhas que precisei ouvir com triplicada paciência.

“E se eu te desse esse dinheiro agora, você realmente compraria uma bicicleta nova?”, perguntei, sem rodeios.

Nesse momento um par de olhos castanhos cintilou curioso e ávido por maiores informações. Desconfiado, Agasalho ficou analisando meu rosto.

“Você não é daqui, né memo? Você fala cantado. Você é do Sul? Você é casado, cara?”

Sim, não sou daqui. Sim, moro no Sul, mais precisamente em Curitiba. Sim, eu falo cantado. Não, eu não sou casado, respondi, mostrando meu melhor sorriso ouro rosinha.

“Hum... e o que eu tenho que fazê pra ganhá o dinheiro? Quando a esmola é...”, perguntou Agasalho, a curiosidade gritando em torno dos seus pensamentos recatados.

“... a Santa aqui confia em você. Tá a fim de me comer... agora?”, eu disse, afrescalhado.

“Ali na frente”, apontei uma reentrância entre um muro grafitado e a linha férrea.

Atônito com minha direta, Agasalho perdeu o controle diante da Grande Oportunidade em provar que seu pinto valia alguma coisa:

“Mas ali passa gente toda hora. Cara, sô casado. Meu, nunca comi um ômi! Mas... bom... cê me dá memo o dinheiro seu-ti-comê?”, ignorei a primeira questão e respondi a segunda ostentando para ele o meu cartão cinco estrelas.

“Eu quero que você rasgue meu cu ali, naquele lugar, agora! Foda-se quem passar por perto. É pegar ou largar”, eu vociferei, autoritário, sem convencer a mim-eu-mesmo.

Agasalho baixou a cabeça, coçando as têmporas por alguns instantes.

“Eu topo”, ele disse, “Mas com condição: eu como ocê, mas num beijo na boca e nem pego no teu pau, certo?”

Engoli a implosão de um riso, tentando manter um semblante submisso, desdenhoso. Eu estava interessado no desafio e na conquista, não em perder tempo com beijos românticos e hipocrisias encravadas.

“E tem mais... quero um... um sinal, pra garanti que cê não vai mi dá caloti”, ele disse, inseguro, patinando nas palavras caipiras. Tirei novamente a carteira do bolso e saquei cinco notas de dez.

“Tá bom pra você essa quantia como... sinal?”, eu disse, com arrogância teatral.

Agasalho nem piscou. Pegou o dinheiro e amarfanhou os papéis dentro da meia que num passado bem distante foi branca.

“Vai na frente e eu ti sigo”, ele disse, achando que assumia a situação patética. Abafei um riso desdenhoso e acatei as ordens sem maiores objeções.

Seguimos para uma casa logo após o local onde Centro e Bairro se fundem. Ao lado da casa grafitada havia uma reentrância que nos conduzia por um caminho que acabava entre tufos dispersos de capim alto.

Algumas penugens quebradiças cobriam as laterais da linha férrea abandonada. Encostei meus medos numa caixa metálica de força, tentando me esconder no centro imaginário de um mato esparso.

Como prometido, um honrado e decidido Agasalho veio logo atrás, suando em bicas. Ele jogou a velha bicicleta junto à parede da casa colorida. Caminhou até sua presa, abaixando parte do agasalho cinza, expondo o meu corretivo. Um pau flácido pendia para fora da cueca de dois dias.

“Chupa ele, deixa ele duro pra entrar no teu cu gostoso, cara!”, ele exigiu, ofegante, porém nada convincente. Um péssimo ator!

Fiquei de cócoras esperando aquela minhoca mole ser ressuscitada com meus beijos encantados. Fino e comprido, a linguiça calabresa foi tomando forma, esbofeteando minhas faces, comandado pelo jogo de cintura de Agasalho numa coreografia mambembe.

Eu observava as pessoas atravessando a linha férrea a poucos metros de onde estávamos. Ninguém parecia notar que havia dois machos representando sexo sujo bem ao lado delas.

“Deixa eu por nocê... cara”, ruminou Agasalho, angustiado para provar o seu valor machístico.

Sem proteção, nem a mínima noção de segurança, Agasalho arranjou meu corpo de quatro, cuspiu em meu rabo e penetrou-me com uma facada acurada. Havia pressa em merecer o seu dinheiro.

Agasalho segurava reticente todas as minhas laterais. Eu quase beijava as pedras ao lado da enferrujada caixa de força, onde uma caveira estilizada informava que eu corria risco de morte se permanecesse ali e fuçasse em seu interior – uma ironia, já que era o meu interior que corria todos os riscos na Vida!

Ganhei alguns tapas sem sincronia no traseiro e uma forte mordida nas costas, enquanto Agasalho copulava comigo.

“Vou gozá, vou gozá, caralho!”, ele gemeu, sôfrego, estraçalhando meu ombro direito.

Senti o jato pegajoso a entupir meu buraquinho. Agasalho tirou de supetão o pau marrom ainda duro do meu esmorecido buraco rosado.

“Limpa ele na tua boca, seu viado da porra!”, ele vociferou, exausto, encostando o corpo na parede da casa, ao lado da caquética bicicleta.

“Ai, ai... cê chupa melhor que puta do J.J., minha delícia!”

Com um ar subserviente, cabeça baixa, mordendo a língua para não rir, fingindo acatar a ordem máxima daquele macho que se achava o máximo, eu desinfetava aquele cacete pulsante com uma bela e sonora chupeta.

Era bizarro o gosto acre do meu íntimo arruinado.

“Ficaí que eu vô saí na frente”, ele ordenou.

Sem coordenação motora (seria remorso?), Agasalho arrumou de qualquer jeito suas vestes e saiu empurrando sua fiel amiga. Eu fechei meu jeans,

cuspi minha saliva podre nas linhas de ferro empoeiradas e segui meu Agasalho até o ponto do nosso reencontro e despedida.

Atravessamos a ponte até chegarmos no Itaú. Saquei o dinheiro prometido. Entreguei tudo conforme o combinado.

“Valeu cara. Quando quisé que eu te coma, é só vim aqui na Ferroviários de domingo, mais ou menos as dez, que eu tô dando um rolê por aqui. Por vinte contos, de repente deixo cê chupá meu pau lá no Sororoca, atrás da quadra de...”, ele declamou, radiante e carinhoso, enquanto guardava o seu valor conquistado num dos bolsos do moletom encardido.

Despedimos nossas diferenças com um vigoroso aperto de mãos.

Agasalho deu um leve beliscar no meu traseiro, como se eu fosse sua nova puta preferida. Montou em sua velha bicicleta descolorida e ganhou – aos trancos! – a Avenida São João... até eu o perder de vista.

Dark Room

Logo após o jantar, enfurnei minha alma alquebrada em meu quarto provisório. Após pedir autorização dos meus tios para tomar conta da linha telefônica por tempo indefinido, pluguei meu iBook e entrei no chat do UOL com o *nick: sexo_a_tres*.

Depois de dispensar uma chuva de curiosos imbecis, *dark_room* me chamou para um papo.

Durante as primeiras frases padronizadas, até que Dark aparentava ser um cara bem agradável. Finalmente alguém com cérebro avantajado na Internet. Uma conversa rápida e objetiva foi trocada entre nós.

Como preciosa dica pós-papo maneiro, Dark indicou-me um local, pedindo para que eu chegasse pontualmente nove da noite. Deu-me uma senha. Disse o valor a ser pago. Trocamos um “até breve”.

Hipercurioso, eu deixei a sala virtual e desliguei meu note.

Tomei um banho caprichado, certificando que tudo em mim-eu-mesmo ainda se mantinha nos devidos conformes.

Com a ajuda de um pequeno espelho e muito contorcionismo, dei uma espiada no traseiro. Ufa! As marcas da última trepada tornaram-se lembranças quase imperceptíveis.

Coloquei uma roupa fácil de ser removida. Apanhei uma cópia da chave da casa, dinheiro suficiente para a condução e algumas bebidas pós-fodaria, além dos setenta reais solicitados para custear o ingresso do Gaycenter. Não levei documentos. Dei um “vou sair com amigos” para meus tios e fui desbravar meu novo ponto de encontros.

Ao chegar à Rua Rangel Pestana, fiquei boquiaberto diante da fachada de uma construção muito antiga, porém divinamente restaurada. Imprimi dois toques na campainha, sendo um longo e um curto, conforme as instruções. Aguardei dois minutos. A porta foi semiaberta e um timbre espanéfico perguntou-me a senha.

“Ishlibdish”, respondi, tentando não gaguejar, rir e sair correndo dali... tudo ao mesmo tempo!

O Novo Mundo foi escancarado e o primeiro cheiro de uma alfazema paraguaia invadiu meus domínios.

Um rapaz muito jovem, trajando somente uma toalha branca e um par de havaianas provavelmente azuis me conduziu até um imponente aposento.

No centro de uma cromada mesa redonda e compacta, havia uma caixa de madeira repleta de preservativos governamentais e amostras grátis de lubrificantes das mais variadas marcas.

“Vai usar?”, ele questionou-me, desinteressado.

“Não... não vou”, respondi, decidido.

O rapaz fanhoso (seria ele Dark, o Interessante?) não manifestou nenhuma reação visível. Paguei o valor da entrada.

“Aqui... sua chave. No final daquele corredor, vire à esquerda e guarde sua roupa. O banheiro fica do lado oposto aos armários vermelhos. O banho é obrigatório. Depois... atravesse, nu, a porta vinho. Alguma dúvida?”

Fiz que “não” com um tosco movimento da minha cabeça baralhada, excitada, retardada.

Segui o mapa traçado pelo meu anfitrião. Guardei minhas roupas no armário de número doze. Dentro dele havia uma espécie de “kit-dove” e uma toalha fofinha dentro de um saco plástico fosco.

Calcei um par de chinelos pequenos demais para os meus pés pranchados.

No ambiente quase sem luz, notei a presença de um casal de jovens bêbados em carícias picantes, preparando-se para o Bom Foder.

Eles não se importaram quando fiz uma nada discreta foto. Combinamos que eu não divulgaria identidades (como se eles estivessem em condições de “combinar” qualquer coisa). Mostrei o resultado na telinha. Guardei o celular no armário.

Entrei no banheiro iéloumente iluminado. Uma ducha de água acordadefunto preparou-me para uma aguardada noite de orgias. Enxuguei o corpo pálido na numerada toalha felpuda, deixando-a pendurada numa espécie de varal improvisado ao lado do Box de acrílico.

Amarrei a chave no pulso, respirei fundo, debochei uma prece herética enquanto abria a mística Porta Vinho e entrei num universo caliginoso, estranho, assustador.

Logo de cara esbarrei numa pilha de ossos, onde mãos delgadas seguraram meus braços reticentes, me conduzindo lentamente para o centro da luxúria.

Fui empurrado contra uma parede texturizada. Outras mãos descobriam

meu pau flácido, tímido, aturdido. Bastaram alguns segundos para que uma camuflada boca profissional moldasse meu membro ao seu bel prazer, sugando-o com força, deixando-o pronto para o que prometia ser boa hora de um alienado *tesaum*.

Estiquei minhas mãos à procura de outros sexos. Elas foram agraciadas ao tocar peles macias, ora peludas, ora lisas, ora em cacetes bizarros de tão descomunais, ora em varas tortas, porém muito espertas; ora em bundas flácidas, outras vezes em rabos cinematográficos.

Meu rosto foi puxado com doçura e logo senti uma língua maturada a me consumir o Terceiro Céu.

Em rodopios delirantes, outros dentes arranhavam minhas costas e mais outra boca perfurava as laterais do meu rabo epilético.

A mesma língua que me beijava agora perscrutava meu pescoço: ponto fraco do meu corpo sensual.

Fui conduzido com certa ferocidade até engolir uma lenha curta e espessa, onde a textura das veias empapuçadas ampliava a minha ânsia de “quero mais, muito mais!”.

Realizei a contento minha parte, como sempre. Degustei minutos febris de fodaria oral em todos os poros.

Cansado da rotina, saí da minha posição submissa, deixando meus parceiros incógnitos continuarem o enlace dos escapes difusos no etéreo.

Rastejei em passos lentos, calculados, tateando no breu. Mais pelos foram tocados. Mãos e paus e bundas e hálitos densos cruzavam meu descaminho. Senti, por afinidade, um peito deveras cabeludo.

Na mesma hora puxei aquele macho para mim. Ganhei um beijo fastidioso em troca da minha ousadia.

Em contrapartida, mãos estúpidas e afobadas buscaram minha bunda macia. Nossas quatro espadas debateram-se no confronto do Grande Apetite.

Percebi que meu homem era casado ao sentir a saliência algente de uma aliança delicada.

Sua barba de três dias – irregular e provocante – causava calafrios ao roçar meu pescoço melado. Beijos e mordidas revezavam-se nos instantes de temerária união.

“Vire”, ele sussurrou em meu ouvido (oh céus... que voz era aquela?). Obedeci de imediato.

Ouvi o estalar de uma embalagem plástica sendo dilacerada. Ele colocou o látex umedecido em seu membro calejado.

Lambuzou meu cu com uma substância estranhamente lima, porém agradável ao toque. Abaixou com suavidade as minhas costas bambas, deixando-me de quatro, minha posição favorita.

O Grande Urso abocanhou com suavidade minha nádega esquerda, levando sua língua seca a perambular pelas minhas costas fumegantes, até atingir minha nuca bem unvida, rígida, excitada.

Com habilidade veterana, ele empurrou seu ferrete até o centro do meu forno embebido em lava. Enlouqueci com sua enterrada a ceifar meu perispírito. Meu cu mordiscava o Pelúnico completo em mim-eu-mesmo, enquanto mãos enigmáticas tocavam minhas faces, dedos eram enfiados em minha boca e diversas vigas debatiam-se em meus ombros e noutras laterais, sendo masturbadas por seus donos como se o mundo fosse acabar em dezoito minutos!

Alguém esporrou no meu braço esquerdo. Adorei sentir o leite condensado a escorrer nas vielas dos meus poros ariscos.

Casado continuava sua fantástica performance atrás de mim, enquanto eu sentia outras cobras a seduzir minha boca-eva.

Grande Urso Casado da Silva urrou, cravando suas unhas em minha bunda, retirando o caralho plastificado do meu rabo em chamas corrosivas.

Nem tive tempo para relaxar, pois outros braços já tentavam dominar o segundo tempo. Uma boca-piranha passou a mordiscar as últimas pregas intactas do meu cu vesgo, aprumando o orifício molestado.

Enquanto meu traseiro era sugado por lábios voluptuosos, uma pegajosa mão delgada manipulava meu sexo para cima e para baixo.

Fui penetrado novamente. O odor da alfazema parecia ter se intensificado. Meus delírios variavam entre a falta de razão e o embotamento total.

O macho esquelético e rançoso que agora me fodia – sem proteção! –, gozou um Niágara sobre minhas costas, sendo que o alcance da sua cola escolar atingiu até meu pescoço de alumínio.

A mão atormentada daquele sujeito começou a espalhar sua essência avinagrada em todos os vãos do meu espírito isento de culpas.

A sensação era incomum, porém devo confessar que aquele ato me fez sentir... purificado.

Um ritual de passagem. O batismo a confirmar de vez a minha linda insensatez.

Com o avançar das horas, aquele cubículo parecia engolir cada vez mais e mais e mais Viris e Deslumbradas sem identidades.

De cócoras em um canto devaneio, eu tentava descansar um pouco, recuperando fôlegos. De vez em quando coxas e varas esbarravam em meu ser (cada vez mais) incandescente. De vez em sempre eu segurava um músculo desorientado, encaixando-o entre meus lábios ressequidos.

Perdi a noção do tempo e minha localização no espaço.

Recuperada a energia, levantei meus restos suados, pondo-me ereto, e voltei a tatear paredes e pelos e almas em busca de reciclados estímulos.

Queria penetrar um macho, desejo que não precisou de muito esforço para ser saciado. Foi muito fácil encontrar um rabo à disposição.

Escolhi uma bunda desprovida de pelos que contrastava violentamente com um verdadeiro cobertor a cobrir coxas robustas, agradáveis ao tato.

Não resisti e lasquei minha língua naquele cu recém-usado, com gosto de camisinha vencida. Cuspi sobre meu pau e violencei o rabo liso, pouco me importando com o possível prazer do meu Escolhido.

Eu acumulava tesão e não demorei a gozar nas profundezas daquele meio metro masculino. Nem mesmo havia tirado por completo meu membro do buraco largo e uma bocavanhaque engoliu Jäger Júnior, fazendo o resto do serviço, lambendo e sugando e deixando meu báculo pronto para uma nova investida. Insanidade total!

Dezenas de homens aderidos. Centenas de beijos ora intensos, ora delicados, trocados novecentas vezes por minuto.

Houve um momento em que consegui discernir sete homens fodendo o Curitiba aqui ao mesmo tempo. Viajei entre beijos, chupadas, penetrações, cheiros, secreções e posições inimagináveis!

Fui amado, fui usado, fui delicado e ao mesmo tempo violento.

Fui humilhado, humilhei.

Todos os meus baixos prazeres foram satisfeitos.

Na companhia de seres estranhos e suas identidades veladas, pude expor o mais ralé do meu ser e me sentir o mais grandioso dos homens, em atitudes espúrias e irresponsáveis tomadas de consciência desperta.

Entrei no Jogo disposto a tudo. Ainda não quero saber o resultado de nada.
Preciso continuar.

Pago o que for necessário – em todos os sentidos! – para explorar além dos meus limites.

Eu vou chegar ao fim desta jornada.

Eu vou trepar com qualquer macho que sulcar o meu roteiro.

Desorientado

Três minutos ao telefone foram suficientes para papai torrar minha paciência. Choramingou que Bloobol – meu labrador chocolate – não se alimentava direito... que ele já havia feito de tudo para alegrar o cão... que o peludo estava morrendo de saudades do dono...

Blá, blá, blá.

Ignorando os lamentos um tanto imprecisos e fantasiosos do velho, prometi que dentro de quinze dias, no máximo, eu estaria de volta.

“E aí... tá aproveitando bastante a viagem?”, ele mudou de assunto, esticando o papo chato.

“Tá pegando muita buçanha na Terra da Uva?”

Ah... papai cegueta. Ele jamais quis enxergar o óbvio.

“Sim, pai, tô pegando muita coisa boa do lado de cá”, respondi sem o menor entusiasmo.

Ah, se ele soubesse (sim, ele sabe!) ou aceitasse (não, ele não quer aceitar!) a verdade escrachada diante de si. O que a falta de um honesto diálogo de pai e filho sobre sexualidade não...

“Faz um grande favor pro teu velho? Tira uma foto bem bonita da Ponte Torta!”, ele implorou, todo boboca, por um registro tão estapafúrdio.

Prometi ao velho Rud... ops, meu pai, que faria a porra da foto.

Fim da ligação obrigatória. Fui tomar um banho.

Meu rabo continuava um tanto retraído, mas eu era capaz de tudo para deixá-lo no ponto ideal de abate para o dia de hoje.

Meus tios faziam compras no Carrefour. Deixei um recado sobre a mesa da cozinha, dizendo que ia dar uma volta pelo Vianelo.

Eu nem lembrava mais da tal “ponte torta”.

Quando cheguei ao local, foi uma decepção muito grande constatar que um monumento histórico que deveria ser tão importante para a cidade estava além do abandono.

Revoltado com o descaso, fiz as imagens para enviar posteriormente ao meu pai. Quando terminei a sessão fotográfica, notei um rapaz sentado à sombra, próximo da construção molambenta. Ele parecia perdido e desorientado.

Minha porção “madreteresa” se manifestou. Resolvi abordá-lo e puxar um possível papo reconfortante.

Devo ter estampado na fuça que sou de fora. Também deve estar escrito em algum lugar na minha testa a frase: “Quero trepar com você!”.

Bastou um minuto de frases feitas.

Desorientado já coçava sensualmente o pau que pulsava intrépido sob a bermuda esfarrapada. Ele captou meu foco – nada discreto – de desejo.

“Então o forasteiro aí gosta de uma vara?”, ele disse, apalpando com mais força o membro que ganhava bom volume.

“Sim. Você tem uma pica boa para me oferecer?”, respondi, desafiando minha vítima com um olhar trinta e oito.

“Tenho um local da hora pra gente brincar. Topas?”

Topei sem mais delongas.

Desorientado levantou seu corpo raquítico, batendo com as mãos no traseiro para retirar um pó inexistente da vestimenta ânus setenta.

Quase gritei ao notar que sua bunda era maciça e dotada de uma curvatura bem acentuada. Morro de tesão por caras magérrimos, mas de bunda cheia, bem suculenta. Ele percebeu minha observação.

“Sabe, forasteiro, eu curto homem e mulher, numa boa. Mas pra trepar com um cara ele tem que ser macho, sem fricote feminino e outras viadagens. Por isso acho que gostei de você. Vai ser muito bom, pode apostar!”

Caminhamos uns três quarteirões até chegarmos a uma praça bonita ao lado de uma escolinha infantil. Bem no meio dela encontrava-se um banheiro público.

“Eu vou entrar primeiro e ver se tá tudo limpeza, forasteiro. Dou um toque. Depois você entra.”

Desorientado tinha um tique nervoso bem irritante. Ele piscava muito os olhos e mexia a cabeça pra direita e pra esquerda sem cessar, como a procurar alguma coisa ameaçadora no tempo e espaço.

Sentei num banco de concreto. Fiz uma foto do banheiro. Aguardei.

Longos minutos foram embora. Comecei a ficar irritado. Resolvi entrar por conta própria e conferir o que estava acontecendo. A visão não poderia ser mais excitante, agradável, convidativa.

Desorientado era chupado por um garoto magricelo que tinha a cara do Salsicha, eterno amigo do famoso cachorro maconhado do desenho animado.

O garoto pareceu não se importar com minha presença, sugando e lambendo as bolas de Desorientado com muito gosto.

Saquei meu pau e junto com Desorientado fizemos a alegria do Salsicha, que agora tinha dois belos mastros para se divertir.

A festa estava ótima, até notarmos a aproximação de alguém de fora pelo reflexo das sombras nos azulejos brancos, limpíssimos e reluzentes da Sala dos Santos Mijadores.

Tentamos esconder nossos membros e ficamos disfarçando no mictório, fingindo urinar, enquanto Salsicha simulava amarrar seus tênis.

Um senhor baixinho e roliço entrou e se posicionou entre o gostosão aqui e Desorientado, que parecia cada vez mais atarantado, rodopiando a cabeça de um lado para o outro e piscando mil vezes por segundo, sem parar.

Baixinho, o velho, expôs uma pica comum e corrente. Masturbou-se sem qualquer constrangimento. Pegou no pau de Desorientado e iniciou uma dupla punheta. Eu aproveitei e busquei meu beijo, como de costume. Baixinho trocou um selo de boca travada.

Salsicha foi para o reservado. Podíamos ver que ele também se masturbava no seu canto eucalíptico.

Baixinho estava mais interessado em Desorientado do que em mim. Então, deixei os dois se divertindo e fui brincar com Salsicha.

Travei a porta do reservado, encostando todo o peso do meu corpo contra ela. Salsicha abocanhou meu pau numa só investida, sugando-o com muita vontade.

Uma insegurança enorme bateu em mim enquanto era chupado. Fazer a linha “pedô” não estava nos meus planos.

Antes de vomitar remorsos, parei tudo e puxei com força o garoto para os meus abraços “papaiurso”. Encarando-o, exigi a revelação da sua idade. Ele riu em falsete, tirando o RG do bolso da calça larga. O pivete tinha vinte e um. Porém, cara e corpo de quinze.

Aliviado, foi minha vez de brincar com o “salsichinha”.

O cheiro de Leite Ninho aguçou meus sentidos. Eu nunca havia me relacionado sexualmente com um carinha tão jovem, já que eles não me atraem em nada, nadica mesmo.

Porém, confesso, não dá pra negar o quanto é prazeroso degustar carne nova, inexperiente e (de certa forma) ingênua.

Chup. Chupii. Chupiii.

Salsicha estremeceu todo e preencheu minha língua com seu líquido ralo. O garoto levantou a calça e abandonou o reservado, me deixando privado na privada, feito um tapado.

Limpei malemá a boca e ganhei o exterior cítrico.

Baixinho era enrabado por Desorientado. A loucura de dar o toba a céu aberto, bem diante da entrada do banheiro, era de deixar qualquer cristão doido para cometer o pecado original.

A visão do sexo selvagem, irresponsável, desafiador era enlouquecedora! Baixinho mordia os lábios para sufocar o timbre da sua putaria. Desorientado penetrava com truculência o velho homem. Permaneci paralisado por alguns segundos diante daquela cena cavernosa.

Salsicha ficou em guarda na entrada, observando tudo o que ocorria do lado de fora. Ao acordar para a vida, aproveitei a frágil segurança e ofereci meu pau em brasa para Baixinho brincar. Fui sugado a contragosto por uma boca arredia.

Vendo a performance de Desorientado, crescia dentro de mim a vontade de também ser empalado por aquele demônio das ruas. Implorei em pensamentos para que ele não gozasse. Ele captou meus anseios. Tirou na mesma hora o cacete do vão velhaco.

“Chupa ele. Faz ele gozar!”, Desorientado ordenou.

O velho arrumou a calça, deixando para fora sua varinha empinada. De cócoras, fiz o serviço no Baixinho. Fomos interrompidos pela passagem da tiazinha da limpeza varrendo lá fora. Salsicha voltou a sumir num reservado.

Enquanto eu chupava Baixinho, Desorientado entrou no calabouço com Salsicha. Mantiveram a cela aberta. Percebi então que Desorientado queria se exhibir para mim. Ele baixou com acurada sensualidade a calça do garoto e iniciou uma sessão de lambidas na bunda do moleque que me turvaram todos os tesões.

Salsicha curvou os músculos e vi quando Desorientado penetrou o rabo adolescente com uma língua desbravadora.

Eu não conseguia mais encontrar coordenação para chupar Baixinho. Levantei e soquei uma boa punheta para o velhote. Queria que ele gozasse logo, pois minha fodaria perfeita daquela manhã já estava definida. Eu precisava me perder com Desorientado.

Baixinho gozou sem tesão, lambuzando meus dedos amornados. Guardou o pau sem se limpar. Saiu apressado do banheiro, sem sequer lavar as mãos!

Desorientado cessou as carícias orais em Salsicha. Comentou algo em seu ouvido. Feito um autômato, dirigi-me até a pia para lavar as mãos, o rosto e a boca a fim de retirar o gosto de porra juvenil.

Nem deu tempo de abrir a torneira. Fui agarrado por trás.

“Chupa meu pau!”, Desorientado sussurrou.

Virei meu corpo e caí de joelhos diante do caralho a golpear minhas bochechas. Salsicha voltou a guardar a entrada. Fiz minha obrigação, dessa vez sendo observado pelo garoto com cara de cartoon.

Desorientado retirou repentinamente a estaca da minha boca. Levantou-me puxando meus cabelos lisos. Fomos para a suíte presidencial.

Ele sentou na bacia. Mandou travar a porta. Deixei minha bermuda cair, expondo minha bunda pálida, apetitosa, insaciável.

Desorientado lambeu os pelos loiros entre minhas coxas rígidas, cegando-me a lógica, buscando num ímpeto o centro do meu delírio.

Que língua, meu deus... que língua!

De repente, fui puxado com brutalidade e acabei sentando sobre um vergalhão besuntado em ácidos, disposto a me ferrar o rabo de vez. Chorando, cavalguei dolorido e ausente, com as mãos de Desorientado a massagear minha cintura, costas e mamilos.

Ouvimos um pigarro. Era o sinal de que alguém adentrava o recinto. Eu e Desorientado não nos importamos. Continuei montado no touro por bem mais que os famosos oito segundos.

A maior loucura foi perceber que Desorientado cagava enquanto me comia!

O cheiro insuportável daquela podridão passou a turvar todos os meus instintos de moralidades e corretas condutas. Uma alienada mistura de prazer e ódio, de nojo e de tesão embotou de vez as réstias do meu bom senso.

Loucura, delírio, nirvana e pecado. Haveria ordem no Fora de Ordens?

Fui premiado com uma profunda e dolorida mordida nas costas. Mais uma para a coleção.

Desorientado gozou um Nilo em minha caverna paleolítica.

Repousei sobre suas coxas ferventes durante alguns instantes, até que o

sujeito que usava o reservado ao lado deixasse o recinto. Desorientado, ignorando o mundo exterior, começou a me tocar, tentando me masturbar.

Levantei – todo melado, fedido, arrebetado – e tornei-me imponente diante do meu carrasco iluminado, submisso, incrédulo. Sem expor educada licença, transpassei meu sexo imperial pela sua boca desqualificada.

Aquele era um louco com muita experiência no sexo baixo. Chupou como gosto, sem sugar; lambeu e engoliu minha pistola com maestria.

Não demorou muito para eu mascarar todo seu rosto com meu concreto calcário. Gomas peroladas criavam formas abstratas na pele morena do delicioso moribundo. Não satisfeito, beijei e lambi minha própria essência depositada naquela cara imunda, terminando meu passatempo num beijo repugnante, sublime, profundo.

Desorientado devorou minha língua urrada, não escrita. Desorientado balançava a cabeça de um lado para o outro, lambuzando meus lábios com sua seiva vencida. Desorientado piscava, peidava, expelia pelotas e me beijava. E seus gases me deixaram cada vez mais atordoado e feliz.

Eu, Curitibambee, ignorei os fatos e curti o momento-viagem...
... de olhos bem fechados.

Animais famintos

O sol desaparecia atrás das montanhas de Iguape.

Eu ressurgia entre as cinzas de mim-EU-mesmo.

Dormi o dia inteiro, anestesiado ao som de uma Avril Lavigne que esgotou meu MuVo de tanto repetir a mesma sequência musical quaquilhares de vezes.

Encarei um banho secular, tentando alegrar meu rabo ensanguentado e meu rosto arroxeadado nos vapores de uma água-dove.

Entre delírios etílicos, minha última prega ainda ardia como as brasas de um inferno franciscano. Os arredores chamuscados dos meus rabos permaneciam inchados e doloridos e liquefeitos após a desventurada experiência da horrenda noite anterior.

Eu quero esquecer o que eu não quero esquecer.

Resolvi sair, caminhar, me perder um pouco.

Eu precisava encontrar parte da minha sanidade.

Mais morto do que vivo – pelo menos naquilo que eu ainda acreditava ser eu mesmo –, caminhei, caminhei, caminhei... chorando e rindo das agruras da minha aventura, numa solidão compartilhada com o desespero de uma existência que eu já julgava ser totalmente inútil.

Encontrei Dourado brincando em rasas poças pinceladas na areia encharcada. O enorme cão passou a me seguir quando cruzei seu espaço de travessuras. Não resisti ao ímpeto de tocar-lhe os hipnóticos pelos sedosos que emanavam o aroma da baunilha. Sentei na areia fria e brinquei um tempão com o meigo bichano com cara de bobo.

De tão entretido com o peludo, nem percebi a presença do seu amo – um nativo rapaz moreno bem interessante, dono de um olhar muito sedutor –, que apreciava as duas criaturas envoltas num sonho infantil.

“Ele gostou de você”, disse o moreno.

“Acredite: é raro ele brincar logo de cara com um estranho”, completou, entre risos discretos, autênticos, convidativos.

Ainda me divertindo a beça com meu novo amiguinho, quase não dei a mínima ao rapaz de voz rouca, sussurrada, arrebatadora.

Ele esticou o braço e ajudou-me a levantar, dizendo seu nome e sua profissão: pescador.

Caminhamos juntos até um ponto da praia onde uma cadeira de plástico revestida de um tecido azul royal em nada combinava com uma bolsa enorme de couro carcomido pela maresia, de onde pendia o que acreditei ser uma artesanal rede de pesca.

Sempre gentil, Pescador me ofereceu uma lata de Brahma acima da temperatura confortável – mas no ponto exato para afagar todas as minhas sedes! – retirada de uma límpida embalagem de isopor.

A serenidade da personalidade e a voz sedutora emanada daquele homem simpático alimentavam em mim a esperança de um começo de noite agradável e pacífica. Eu queria... eu precisava... acreditar no penúltimo suspiro da Felicidade!

Filosofamos sobre a vida, o mar, o céu e as estrelas. Um papo zen só entrecortado pelas gaiatices de Dourado, que tentava a todo custo recuperar minha atenção.

Quando somente a luz tênue de uma lua crescente passou a iluminar nossos corpos, Pescador começou a tocar meus braços sem cor, guiando sua mão rústica até encontrar meu pescoço, puxando-me de encontro aos seus lábios couraçados.

Um beijo tranquilo selou nosso contato social e uma língua atrevida despertou a sensação de liberdade em meus lábios e queixo e dentes e alma cansada de sofrer. Viajei até um nirvana fabuloso, aconchegado nos braços do meu pescador delicioso.

Dourado aquietou seu corpanzil entre minhas coxas, dormindo um sono justo enquanto os amantes se saciavam nos enlaces da sedução.

Pescador retirou minha camiseta, buscando com a ponta dos seus lábios rachados a textura rugosa dos meus mamilos rosados.

Tonteado de alegrias, eu não podia acreditar que havia encontrado um parceiro tão carinhoso.

A mão craquelê do Pescador descobria todos os meus pontos fracos e naturalmente minha cabeça percorreu o caminho conhecido até um sexo compacto, que coube por inteiro na minha boca esganada. Degustei com tremendo gosto aquele membro que cheirava a sabonete barato.

Entre gemidos e sussurros, Pescador pediu para eu ficar de costas, pois desejava me penetrar com suavidade, segundo suas palavras confiantes, anestésicas, amorosas. Mesmo temeroso, virei, deitei e relaxei. Eu confiei cegamente no meu amante.

Aquela boca sensível mordiscava minhas costas enquanto o moreninho procurava seu destino final. Pescador penetrou meu perispírito em câmera lenta.

Dourado acordou ao som de um assovio ligeiro. O cão posicionou-se ao lado de Pescador e num segundo sinal emitido por seu dono, o bichano bem treinado começou a lambar meu rabo e a lateral de uma de minhas coxas.

A língua flambada do animal adestrado despertou calafrios em meu corpo petrificado. Pescador saiu de cima de mim e numa fração de segundos não computados, um cachorro virado no cão passou a lambar meu cu aberto e ferido, onde as mãos rígidas do adestrador moreno abriam – em franca ansiedade! – ainda mais o meu caminho que antes era considerado somente disponível para o prazer entre... humanos!

Humanos?

“Fica de quatro... assim”, disse Pescador, afastando Dourado, adequando meu traseiro na posição planejada.

Mais um assovio e o cão treinado literalmente trepou sobre mim, onde um membro fino, comprido, ossudo e pegajoso buscava abrigo na minha cova hesitante.

Dopado pela Adrenalina, eu simplesmente não acreditava, não queria aceitar, jamais poderia prever o que estava acontecendo na realidade gritante de uma fantasia absurda!

Dor, revolta, curiosidade, prazer e repulsa se gladiavam ferozmente no intervalo da minha razão inerte. Eu queria voar em disparada na direção das ondas sinistras e ao mesmo tempo queria ser fodido cada vez mais pelo segundo animal bem treinado para devorar outro animal servil.

Uma espuma espessa que escorria da bocarra de Dourado era depositada sobre minhas costas, ombros e pescoço. Pescador batia a punha, contemplando a cena bestial, latindo e uivando baixinho no ritmo sem cadência das inquietantes estocadas do seu fiel companheiro. Eu ali, travado, asfixiado diante do Absurdo, paralisado perante o choque da minha total falta de amor-próprio e respeito e coerência e não sei mais o que dizer a você!

No engate automático, o volume do sexo do animal pareceu expandir assustadoramente dentro de mim. Uma dor excruciante cegava a pouca razão que permanecia acuada em meu ser passivo.

Meu rosto vertia uma pasta de lágrimas de prazer, medo e revolta. Dopado na demência, eu apertava o cu como uma cadela no cio, impedindo que a metade do pau (agora) monstruoso do cão escapasse.

Pescador aproximou-se de mim, ajoelhado, colocando sua estupidez na minha boca. Em movimentos rápidos e ensandecidos, ele tirava o pedaço de carne dos meus lábios e o oferecia ao cão, que o lambia com vontade adestrada.

Minutos caóticos de um sexo sendo lambido por um animal e chupado por outro. Minha boca já não reconhecia mais o paladar do Nada, só aceitando passivamente o músculo que insistia em golpear minha garganta.

Pescador deu um novo tipo de assovio.

Dourado saiu em disparada ao encontro do mar traiçoeiro, retirando seu trabuco com tanta violência do meu cu estropiado, que foi impossível mensurar a dor da separação a dilacerar por completo o que ainda restava de dignidade num buraco decadente.

Por instinto e vergonha, a fim de abafar meus gritos ultrassônicos, enfiei o rosto na areia, expirando a agonia durante a saída de todo ar repulsivo arraigado em meus pulmões.

Pescador enfiou dois, três, quatro dedos no centro do meu rabo natimorto. A mão repleta de sangue embosteadado foi passada em minhas faces milanesas.

O moreno trepou sobre mim, como o cão havia feito antes.

O pequeno sexo (que a essa altura... em meus delírios) tornou-se gigantesco, penetrando no vácuo do meu ser, besuntando meus ferimentos com uma porra amornada, elástica, aerada.

Um novo assovio trouxe Dourado de volta.

Pescador esparramou sua vitória na cadeira de plástico, sacando um cigarro e um isqueiro de algum lugar no espaço negrume. Ele tragava seu vício num incômodo pesar, observando as estrelas além-mar, acariciando os pelos dourados do seu cão fiel e bobalhão, como se nada tivesse acontecido conosco... na atual encarnação!

Humilhado, sem palavras, nem vontades, vesti com dificuldade hercúlea meu calção e a camiseta. Derrotado, guiado pela Submissão, apanhei minhas chaves e meu diminuto celular.

Mais uma vez não olhei para trás – sei que você já está cansado de saber disso, me desculpe.

Simplemente segui meu caminho em rotas alteradas.

Em frente... sempre em frente.

Lá pelo quarto quilômetro, embebido em cólicas espirituais, busquei o alívio nas águas revoltas, molhando meus pés e rabos e troncos estraçalhados, onde a salmoura beatificada por uma Iemanjá jamaicana cicatrizava de imediato as feridas da minha alma delinquente.

Voltei para a Casa Mofada. Joguei as chaves e o celular sobre a cama desarrumada. Em pânico, em prantos, totalmente paranoico, entrei no banheiro. Abri o chuveiro. Estrebuchei no piso frio. Deixei uma primeira água morna desbastar minha decadência.

À minha frente, estatelado no chão, notei a mancha de sangue na parte de trás do calção. Confirmando o inevitável, vi o vermelho-sinal-da-morte abandonar meu corpo e escorrer pelos buracos imundos do ralo de alumínio.

Gritei. Chorei. Sorri. Bati a cabeça na parede! Dei “bom dia!” para o galo da madrugada piando sobre minha testa maculada.

Adormeci debaixo de águas ferventes.

Eu queria a morte de um recomeço.

Três... é demais?

A dor mais a minha angústia. Resultado? Prazer.

A mistura de sensações contraditórias dominam meus anseios.

Eu quero mais. Muito mais!

Foi como usar uma droga poderosa, viciante logo no primeiro trago.

Eu preciso... agora!

Não importa. Eu tinha que viver tudo o que você leu até agora. Não me arrependo do que fiz. Aliás, jamais cultivo neuras ao lembrar meus tropeços pelo caminho. Faria tudo outra vez. Ou talvez não... não sei. Depende só de você!

Estou confuso. Preciso dormir. Antes que o segundo sol dê as caras.

* * *

Os primeiros raios penetram o lado esquerdo do meu quarto.

Estou sozinho na minha cama, meu reinado absoluto.

Inspiro fundo. Abro e fecho os olhos. Tento colocar o mínimo de ordem nos espasmos dos últimos neurônios. Preciso revelar a você os pormenores do que me ocorreu. Minhas mãos tremem entre as teclas do Powerbook. A digitação é golpeada a passos retardados. Os acontecimentos recentes apunham as entranhas do meu vazio repleto de inerências. Eu sei, eu sei: a última página do meu diário eletrônico precisa de um final feliz.

Final feliz?

Talvez amanhã eu já não queira recordar boa parte dos detalhes.

Sou mestre em me ocultar para mim-eu-mesmo.

“Vamos lá, coloque tudo para fora. Agora!”

Voltei a digitar, antes que a campainha resolvesse acordar e malas e cuias arrombassem minha porta.

* * *

Eu estava na praia de Gobsun, a mais bela de Lovland, fotografando três Subaru. Acredite, apesar da grande experiência que carrego, foi um dia estranho de trabalho insano. Eu e meu assistente fomos manipulados pelos caprichos da Natureza. Ou era o vento sul a brincar de cobrir carros e lentes

e minha recente careca com a areia fina. Ou nuvens morféticas resolviam eliminar a luz precisa do meu sol glorioso, impedindo assim uma boa exposição das futuras fotos do jeito, contraste e ângulos que eu havia planejado.

Uma vez concebido, eu jamais altero meu conceito de Arte!

No meio da tarde, suportar meu “bom humor” não era para qualquer um. Foram inúmeras as situações em que minha tromba criava sulcos profundos nas areias creme. Assumo que sou excêntrico demais no ofício de fotografar quatro rodas.

Encontrei o meu limite no último segundo bem iluminado pelo astro rei naquela quinta-feira maldita. As imagens finais foram moldadas no meu visor por pura intuição.

Chega! Surtei, entreguei os pontos. Eu queria voltar pra minha casa.

Lou, meu assistente pra lá de paciente e sarcástico, assumia o controle de tudo: ligando para o pessoal da concessionária vir buscar os veículos, guardando e embalando minhas tralhas, além de me incentivar efusivamente a encher a cara e hibernar minha rabugice pelos próximos oito milênios.

“... de preferência, sem respirar, meu amor...”, ele completou, cacarejando trejeitos de certo alguém que ele sabia que eu condenava.

Segui até o pequeno chalé que nos fora alugado para funcionar como quartel-general daquela produção.

Tomei um rápido banho. Escovei os dentes até sangrar as gengivas. Besuntei partes estratégicas da minha pele pimentão com o venerável creme Nivea. Sou neurótico quanto à minha higiene corporal. Já a mental...

Estanquei por tempo ignorado, jogado numa poltrona tufada demais, entornando uma revigorante sequência de três garrafitas de Budweiser.

Mais “feliz”, peguei as chaves de casa e a inseparável mochila de lona com parte dos meus pertences, abandonei o chalé, dei um “tchau” para Lou e os rapazes da Subaru e rumei além do profissional, imaginando as delícias do meu quarto triangular.

Ignorei a carona de Lou e resolvi de último instante voltar para casa de ônibus. Eu queria ficar um pouco sozinho, observando paisagens gaussianas.

De acordo com o responsável pelo local – que só aguardava minha turma ir embora para também dar no pé –, por volta das sete passaria um circular que me levaria até o outro lado da ilha.

Imaginar que uma das paradas ficava a menos de vinte metros da minha reformada residência. Que delícia!

Atravessei a rua e plantei continência no ponto mais próximo.

* * *

Nossa... o rapaz tinha razão!

Quando bateu quatro minutos para as NOVE da noite é que surgiu um saltimbanco veículo prateado.

Por sorte, acho que o motorista teve pena da minha insignificante solidão. Ele me alertou que não passaria mais nenhum ônibus de linha naquela noite, mas que poderia me dar uma carona, sem problema algum, até o pé da ilha. A típica gentileza loveana.

Entrei. Agradei. Insisti em pagar minha passagem ao bigodão de cara amuada. Sumariamente ignorado, enfiei a nota no bolso e fui sentar na já tradicional Poltrona 47.

Nem prestei muita atenção nos porcos pingados que estavam no ônibus que cheirava óleo e graxa e frustração.

Fazia um calor sufocante, fora de época. Abri não só a minha janela como também a do lado oposto da minha fileira. Num veículo sobre rodas, sem um ar forçado a rabiscar meu cavanhaque, eu entro em pânico!

Enquanto estava em pé, me toquei que no interior daquele camburão barulhento havia somente alguns funcionários – devido ao uniforme azul quase chumbo – da própria empresa do Pássaro Prateado.

Na metade do caminho, em uma das paradas normais, um grupo de seis pessoas desembarcou. Permaneci somente eu, o motorista e mais dois empregados.

Um dos rapazes falava muito alto. Contava as desventuras de sua vida profissional. Dizia improperios sobre alguns colegas de trabalho. E, é claro, “metia o pau” na diretoria da empresa.

Na minha privacidade, eu ria daquela situação. Em sonoros pensamentos, eu achincalhava o seu péssimo português misturado com sua língua materna, o alemão. Quase apagando, fiquei imaginando o que seria de mim-eu-mesmo se aquela condução não tivesse me salvado. Ligaria para Lou e aguentaria os seus escárnios?

Porra, quem manda querer isolamento do mundo e se mudar para os calcanhares de Lovland? Por que será que eu não gosto de dirigir?

Durante a viagem, a noite avolumava a tensão do seu bafo salitre. Tirando a posição privilegiada e obviamente necessária do motorista, não conseguimos ver nada nas laterais da estrada arenosa.

Em uma curva aberta, o ônibus deu um tremendo tranco. Todos nós gritamos de espanto, cada um com seu trinado característico.

O hábil motorista conseguiu encostar o veículo na boca de uma trilha quase apagada, à direita da estrada principal.

Oh, Céus. Estávamos relativamente tão perto das nossas amadas cavernas!

O primeiro pensamento que me ocorreu foi que naquela hora, naquele trecho, era improvável alguém trafegar de pura vontade por ali. Ainda mais numa região sem casas de veraneio ou comércio; um pedaço praticamente esquecido fora da temporada.

Oh, Vida. Ninguém merece passar por isso!

A porta foi aberta e os três homens foram verificar o que havia ocorrido. O debilitante cansaço impedia os sentidos de ordenarem meu cérebro a tomar alguma atitude sensata.

Oh, Azar. Eu poderia até caminhar pela praia. E se a maré subir, subir e subir? Chega de pensar sandices.

Levantei-me com uma puta má vontade e conduzi minha cara amarrada para fora do ônibus. Vi o trio debatendo sobre o acontecido. Uma portinhola lateral estava aberta na bunda do possante. O motorista mexia em cabos e velas e fios e correias. O rapaz de voz potente segurava uma lanterna capaz de iluminar um estádio de futebol.

Eu fiquei ali, tontificado, trombudo, impaciente, acompanhando a patetada em revoltado silêncio. Que saudades do meu Lou e seu Ford Fiesta cor de abacaxi!

Finalmente alguém notou que eu existia. Um dos empregados, o moreno, rodava o corpo em várias direções, sem sucesso. Irritado com a ausência de sinal no seu aparelho, perguntou se eu tinha um celular... com bateria!

Mordendo a língua para não rir, fiz um “positivo” com a cabeça. Sem piar uma só palavra, voltei para o interior do estropiado veículo machucado, a fim de caçar o aparelho perdido na minha mochilona.

De volta à reunião de cúpula, entreguei o diminuto Motorola ao empregado. Ele me agradeceu com um sorriso apagado e discou rapidamente os números da Central de Apoio.

O outro cara – o que possuía um vozeirão – tagarelava com o motorista. No calor da discussão sem final feliz, descobri que o gritante era borracheiro, o moreno era eletricitista e nenhum entendia bulhufas de motores e transmissões!

Ambos discutiam o sexo dos anjos mecânicos. Eu, sem entender patavina daquele dialeto de porcas e parafusos aprendido em cursos por correspondência, permaneci recostado na lataria fria do Pássaro abatido.

“Bom, pelo visto... acho que ficaremos umas dez semanas aguardando o maldito resgate”, resmungou o sujeito que estava com meu celular, devolvendo-o para mim e novamente me presenteando com um sorriso cansado, porém perfeito e luminoso em sincero agradecimento.

Nossas mãos tocaram pontas de leve na passagem do aparelho salvador. A rápida carícia de um sujo dedão atrevido sobre as costas da minha mão desconfiada disparou sete dúzias de alertas na minha mente putalínica.

Aquele súbito carinho disparatado – que em nada combinava com o surrado macacão e aquela barba acumulada por cem dias seguidos – ganhou dimensões estapafúrdias na minha mimosidade profana.

Após um milhão de minutos em discussões inúteis, impossibilitados de encontrar uma solução mesmo que temporária, os três homens resolveram aguardar passivamente o Resgate.

Agora responsável por dar a luz, ao segurar a tal lanterna monstruosa, apontei o jato iluminado para o centro da lataria, quando meu olhar foi brindado com o rapaz da potente voz retirando a camisa empapada em beatificada água salobra. Ele jogou o traseiro no chão de areia e ficou contemplando as estrelas.

Eu contemplava suas linhas esculpidas em mármore de boa qualidade. Foi difícil disfarçar minhas vontades diante daquele “peitocostal” a queimar meu bom senso. O motorista, um homem truncado na faixa dos sessenta, dono de volumosos cabelos e bigode prateados do mesmo tom da pintura do seu objeto de sustento, percebeu minha indiscreta excitação.

“Vamos entrar. É mais seguro dentro do ônibus”, ele ordenou, sem vencer ninguém.

Seus olhos dissecavam minhas curvas. Percebi que algo muito interessante poderia ganhar vida, texturas e sabores viris a qualquer segundo.

“Vou ficar aqui mais um pouco e aprofundar minha comunhão com Deus”, disse o rapaz sem camisa. “Vocês são loucos em permanecer dentro da estufa ambulante!”

Entreguei a lanterna ao dissidente. Entrei e imediatamente fui para a “cozinha”. Permaneci sentado, ansioso, mortificado.

Encostados na Um e na Três, o motorista e o rapaz do belo sorriso conversavam em tom muito baixo, quase um sussurro.

Aquela reação de cumplicidade entre os dois estava me deixando fora de órbita. O volume cresceu entre minhas pernas e marasquerosos pecados rodopiavam na minha mente bêbada em desejos.

Eu não tirava os olhos daquele motorista. Ele retribuía o olhar, agora de maneira intensa, sem disfarçar sua volúpia.

Ambos me desejavam. Eu assumia absoluta certeza sobre o inevitável. A ocasião faz o fodão!

* * *

O tempo foi passando. Nenhuma alma sequer atravessara o nosso caminho naquela quebrada esquecida. Meu corpo transbordava suor e luxúria. Eu queria sexo. Em todas as suas variáveis.

Imaginava Voz Potente lá fora, sem camisa, mamilos lambidos pela brisa. Imaginava a piaçaba do motorista arranhando todos os buracos piscantes do meu corpo. Imaginava Sorriso Perfeito cobrindo meus ouvidos de sussurros românticos e calientes.

Mas eu não imaginava que viveria uma experiência jamais fantasiada nos meus delírios mais ocultos.

* * *

Ele veio em minha direção.

Começamos a conversar. Perguntou o que eu fazia, qual era a minha idade; se eu era solteiro ou casado. Tontices sociais.

A cada cinco palavras expelidas, meus olhos desviavam a atenção daquela boca carnuda, moldurada por um farto bigode muito bem aparado, e apontavam para o seu sexo, que ele fazia questão de manipular por cima da calça azul anil do seu uniforme impecável.

Divertindo-se com minha fome no limite do incontrolável, ele se aproximou, decidido e agressivo, encostando a lateral do membro rígido em meu ombro.

“Pegue”, ele disse.

Olhei para o vão no corredor. O moreno estava sentado bem à frente, o olhar fixo em nossa sacanagem. E também manipulava o sexo, que empinava sua beldade fora do macacão. Imaginei os poucos pelos do seu peito em contraste com a fartura negra na parte baixa da sua rude perfeição.

“Pegue”, repetiu o motorista. “Eu sei que você gosta. Vamos, abra o zíper. Tire-o para fora. Brinque com ele”.

Motorista segurou meu queixo peludo e com os dentes abri a porta do primeiro paraíso. Braguilha arrombada, prontamente minha boca sugou aquela estaca pulsante.

O atarracado macho rosado do cabelo prateado gemia e apertava minha nuca de encontro ao seu corpo galvanizado. O suor evaporava em minhas faces. O ar fugia dos meus mistérios. Eu me sufocava em tesão e medo.

“Pare”, ele disse, quase que num grito autoritário. “Não quero terminar na sua boca.”

O moreno de sorriso perfeito já se encontrava ao nosso lado.

“Vamos, faça o serviço no meu chapa aqui”, disse Bigode, num sussurro desafiador.

Obedeci, me sentindo o máximo em ser um cliente tão bem tratado pela Companhia. Meus lábios encontraram um novo membro mais do que inflexível, exigindo pronta atenção e excelentes cuidados.

Enquanto eu “atendia” aquele empregado, as mãos habilidosas de Bigode mimavam meu sexo. Sua boca carnuda ora beijava a floresta negra em meu peito, ora lambia as curvas da minha careca máquina um.

“Fique de quatro. Quero enrubar você”.

Agora Sorriso Perfeito me conduzia ao próximo nível. Acarinhado para atingir a localização exata, meu rabo posicionou-se à espera da tão desejada perfuração.

Prefiro comer. Mas se a ocasião invocar minha passividade, eu confesso que A-DO-RO dar “de quatro”!

“Ora, ora, cambada de putos de Sodoma. Vocês aí, no maior bacanal, e ninguém me convidou?”, a potente voz rasgava o interior do veículo, iluminando a fodaria com a lanterna cegante.

“Bóra comer o viadão!”, ele uivou, esfregando as mãos claudicantes, desfocando o feixe de luz e aguardando – sem convencer – a sua hora de participar da farra, enquanto aprumava a camiseta suja de graxa.

“Mais respeito, seu crente de merda, filho da puta. Só estamos aproveitando o momento, numa boa, sem julgar ninguém”, impôs Motorista, num tom de voz que estampou oito camadas de pânico na fuça descolorida do rapaz... que ficou afônico.

“Vai chamar mais alguém aqui de viado?”, uma sorrateira mão pesada apertava com autoridade o pulso de Voz Potente. Só ouvi o som da coitada da lanterna de alumínio rolando sobre o piso de aço.

“Abra mais as pernas, minha delícia!”, disse meu carinhoso Sorriso Perfeito, indiferente ao desastrado deslize cometido pelo Inexperiente.

Ele baixou minha calça de agasalho até o inferno. Senti boa cuspida a lubrificar meu cu arredo.

Percebi que Bigode colocava um preservativo no membro do colega. Algo me fez acreditar que ambos praticavam há anos o sexo sem compromisso, atuando em conjunto na arte da Grande Fodaria.

Voz Potente afundava em silêncio, ressabiado, visivelmente extasiado com tal cena. Estava na cara que ele nunca havia participado de uma machoruba.

Com calma e muita suavidade, fui sentindo Sorriso Perfeito ganhar todos os acessos, em movimentos experientes que me fizeram ver além das estrelas estampadas no interior do coletivo. Não vi o tempo passar. E nem uma única alma a trafegar pela velha estrada, ali, adiante. Graças aos Céus!

* * *

No sexo, acho que sou um cara de muita sorte. Sorriso Perfeito entrava e saía num balé maravilhado.

Seus rebolados sensuais e estocadas agressivas demonstravam muita prática na arte do “meter”.

Minhas pernas ficavam sem ossos. Meus receios se esfumaram na escuridão. Eu só sentia prazer. Muito, muito, muito prazer em ser perfurado, observado, desejado.

Na mudança de direção, mantendo a mesma posição, fui cavalgado bem no centro do corredor estreito.

“Enfia minha vara na sua boca”, disse Bigode, o grande capitão.

Nem esbocei reação. Pois quando percebi, minha língua ferina já cuspira na cabeçorra, enquanto a boca nervosa engolia a seiva daquele membro ditatorial. Em sincronia, buraco superior e buraco inferior controlavam um Urso e um Caçador. Prazer na frente e êxtase atrás. Língua e cu escravos do bom “foder”.

Um angustiado Voz Potente continuava em silêncio, apreciando o gratuito filme homoerótico que lixava seu olhar azul sombrio.

Sorriso Perfeito arranhava minhas nádegas. As investidas tornaram-se mais rápidas e dolorosas. Senti suas unhas serrilhadas machucarem minhas costas quando sua explosão expandiu as barreiras do látex. Eu não podia gritar de satisfação, pois minha boca ora mordia, ora engolia ou sufocava-se com o outro caralho a promover maciças pancadas na minha garganta (quase lá, quase lá!) profunda.

Na diferença dos segundos, enquanto Sorriso Perfeito ofegava e desabava seus músculos empapados sobre minhas costas arenosas, onde nossos suores se fundiam, criando um doce elixir renovador, Bigode urrava em constante frenesi, violentando, acima do aceitável, o céu da minha boca.

O motorista retirou sua pica raivosa do meu buraco de primeiras entradas, ambos esfolados e ardentes. Com a ponta de língua e dedos, acompanhei suas viscosidades infernais escorrendo no gasto couro vermelho.

“Putá que te pariu”, ele gritava, sua respiração ofegante enchia o recinto de melodias sensuais. “Que boca. Caralho. Que boca!”, Bigode desabou na 38, orgulhoso e arfante. Sorriso Perfeito beijou meu pescoço, sussurrou um “valeu, cara, você é demais!” bem próximo dos meus lábios, e abandonou seu posto. Ele retirou o látex cheio do seu escape, deu um nó de qualquer jeito e atirou o resultado no meio da estrada.

“Pô, cara. Não tinha outro lugar pra você jogar essa porra?”, praguejou Voz Potente.

Um duplo olhar de fuzilamento dos Brutos Montes que acabavam de saciar seus instintos fez com que o aprendiz retornasse à sua posição inferior.

Sorriso Perfeito fechou o macacão e foi descansar o espírito empanzinado na oitava fileira de poltronas vazias. Motorista limpou seu sexo com um lenço. Enxugou a mão e o rosto com o mesmo tecido. Eu ainda arrumava meu agasalho, quando o homem do bigode prateado troçou uma nova ordem:

“Ainda não acabou, rapaz. Venha até aqui”, ele segurou em meu braço esquerdo e puxou-me junto ao seu reinado.

Meu corpo caiu atravessado em seu colo e sua boca sagrada procurou a minha, abençoando-a. Experimentei as benesses de um Marlboro vencido em meus lábios.

Voz Potente admirava, maravilhado, dois animais enroscados na paixão. Ele acariciava as duras bolas do seu sexo tímido.

Notei que havia o desejo íntimo de “participar” daquele cabaré, mas ele não sabia o que fazer, como agir, nem decidir qual a reação mais adequada para fugir de novas reprimendas. Bigode leu meus pensamentos:

“Vamos rapaz, quero ver você ‘dar um trato’ no nosso amigo virgem aqui”, ordenou o fumante ativo.

“Não, eu tô fora. Sai de mim, seu satânáis. Prefiro ficar só olhando a sacanagem de vocês”, ruminou Voz Potente, tentando nos convencer da sua hipócrita indignação.

Mas suas palavras vazias não refletiam seu desejo fora de controle.

Troquei um cúmplice olhar com o motorista safado. Ele deu o sinal de aprovação para os meus atos futuros. Não perdi tempo. Aproximei minha libido até os muros sem alicerce de Voz Potente. Agarrei suas mãos vitrificadas, que estavam úmidas, quase glaciais. Com extrema ternura, comecei a lambar os dedos da sua mão direita. Eu estava honestamente apaixonado... pela situação.

Voz Potente perdeu a reação de defesa. Minha língua percorria cada ponta, cada vão. Engoli seu dedo indicador em movimentos delicados. Percebi que aquilo me abria uma passagem secreta. Sem sustentar preliminares, procurei o sexo de Voz Potente com uma das mãos. Agora seu membro era bem preparado para a nova brincadeira.

Deixei de sugar seus dedos. Busquei um abraço que foi prontamente retribuído (hipócrita do caralho). Senti as arqueadas costas largas e lisas se arrepiarem com a passagem das minhas mãos românticas.

Retraí um pouco meu corpo. Afastei-me de Voz Potente. Trocamos um olhar. Desviei minha atenção para o meu Bigode. Ele umedecia os lábios com a língua tropical. Entendi o recado. Voltei minha atenção para Voz Potente e procurei sua boca. Relutante, ele fugia das minhas investidas, tentando esmurrar a minha superioridade.

“Não vou beijar a porra da sua boc...”. Não o deixei terminar a frase. Eu era bem mais forte do que ele. E não só no lado físico da batalha. Fiz valer a minha vontade.

Lábios cerrados, Voz Potente percebeu que não sairia dali sem conhecer o beijo único de um macho.

“Fechem as cortinas e você, apaga a porra das luzinhas, caralho!”, ele vociferou.

E todos nós começamos a rir, inclusive Sorriso Perfeito, que não aguentou tamanho disparate e soltou a melhor gargalhada da noite.

Na penumbra bem iluminada, Voz Potente entregou os pontos. Nossas línguas se tocaram. Foi um beijo destrambelhado, carregado de expectativas.

“Deus do céu, me perdoa, oh Pai!”, balbuciou Voz Potente, exasperado nas entranhas de uma tarimbada boca masculina, enquanto sugava, mordida, beijava e lambia minha língua, cavanhaque, lábios e a ponta do meu nariz adunco.

O safado que não era mais sagrado se entregou à primeira descoberta com muito, muito, muito prazer. Carente, ele não queria mais parar o suga-suga, lambe-lambe, smack-smack.

Filho da puta que sou, retirei meus lábios dos seus, como a indicar total indiferença. Ele, assustado. Eu, cretino. Trocamos um olhar imaginário. E adiante observamos Motorista a tocar em si mesmo.

“Continuem. Não parem vocês dois!”, o diretor exigia mais ação, em gritos sufocados.

Sentado bonachão em seu trono revestido de couro vermelho, ele socava uma vigorosa punheta, enquanto observava Urso Sub e Urso Dom entrelaçados.

Minha boca agora procurava queixo, pescoço e mamilos. Mordi e beijei e lambi cada detalhe arrepiado inúmeras vezes.

Voz Potente se contorcia, urrava, xingava, ria, clamava perdão e aceitava. Nós comprovávamos a sua primeira vez... em tudo!

Seus gritos e revoltas aumentavam minha pretensão de possuí-lo cada vez mais. Sem roteiros, meus dentes saltavam dos mamilos para o umbigo, do umbigo para o sovaco, em mordidas aleatórias, imprevisíveis, assustadoras.

Surpreendendo minha vítima peluda, numa só investida, pus abaixo a calça de elástico na cintura, quase rasgando sua indumentária.

Procurei e encontrei seu sexo arredio. E novamente “fiz o serviço”.

Voz Potente ofegava e quase não conseguia inspirar o ar vencido do interior do coletivo derrotado. Sorriso Perfeito agora dormia a sono solto, estirado nas poltronas dianteiras. Bigode continuava a manipular seu membro, ambos eufóricos, extasiado com o show que estávamos lhe proporcionando.

“Fode o cu dele. Fode o cu dele com a língua!”, gritou Bigode, adivinhando aquilo que me cega de prazer numa relação de sexo com outro homem.

Encarnado num capeta andrógino, virei o corpo de Voz Potente com uma acéfala estupidez além dos meus limites.

Curiosíssimo, assumindo ser um Sub bem dedicado, ele havia se entregado aos meus cuidados sem qualquer indício de resistência.

Abri suas pernas finas. Agachei-me diante do Novo. Senti o aroma da borracha nos tecidos logo abaixo de mim-eu-mesmo. Degustei o cheiro de suor na peça íntima depois de um dia inteiro de trabalho.

A essa altura, nada era capaz de encadear meu descontrole. O desespero daquele macho só me excitava a níveis alarmantes!

Mordi seu rabo com raiva controlada. Voz Potente engoliu uma centena de gritos arenosos. Minha boca procurava seu ponto central. Saciei todas as nossas vontades com minha língua a penetrar aquele rosado travado, de traços amarronzados, limpo às pressas com meus cuspes laxantes.

Enlouqueci. Saí de mim. A razão evaporou-se por alguns instantes. Quando ela retornou, já não podia fazer mais nada. A minha viga de platina empalava o homem borracha.

Eu cavalgava naquele iniciante com toda a fúria do meu ser.

“Mais, filho da puta, quero mais”, Voz Potente mordida o couro da poltrona. “Tá doendo, mas não pare. Caralho, Isso é muito bom. Oh, meu Pai, tá ardendo, mas isso é bom demais. A Ti, eu grito: ‘Glória, Senhor!’”.

Havíamos estraçalhado de vez as contas da Hipocrisia. Entregamos nossas vidas aos desatinos da Luxúria. Sexo sem proteção. Medo com razão. Conflitos em minha consciência, pois meu corpo não aceitava as ordens da alma. Continuei. Esfarelando todas as pregas daquele animal muito bem domesticado.

Eu rasgara o fingimento de Voz Potente. Ele não queria voltar a ser o que não era antes. Ele queria. Eu continuava. Ele gemia. Eu triunfava. Ele chorava. Eu grunhia.

“Como é bom ser viado!”, Voz Potente delirava. “Quero dar meu cu pra sempre”, o borrachudo surtava.

Explodi num gozo lancinante. Deixei a marca permanente da minha linda arcada tatuada nas costas de Voz Potente. Ele chorava, incrédulo diante da graça alcançada.

O armário de aço retorcia suas portas, liberando a quinta-essência de um homem pleno, realizado. Retirei meu sexo ainda afogueado. Voz Potente voltou-se para mim e pude notar em sua aura um autêntico “muito obrigado por me libertar!”.

Por vontade própria, Voz Potente buscou minha boca, amparando-me num abraço comovente. Trocamos um beijo que nunca mais seria esquecido. Saliva misturada com suor e sal e restos humanos. Corações em ritmo acelerado. Cadeados e correntes eram dissolvidos no piso pontiagudo, aquecido, reluzente.

“Por favor, me deixa terminar na sua boca...”, implorou um lacrimoso Voz Potente em meu ouvido, enquanto cobria cada centímetro do meu rosto com selos agradecidos.

Bigode somente nos observava, diminuindo os movimentos em seu sexo vigoroso. Ele sabia que a Revelação teria prosseguimento.

Voz Potente deitou-se entre duas poltronas, preparando-se para o seu grande instante triunfal, selando com bravura o seu intrépido batismo. Sorriso Perfeito acordara e, sonolento, veio cambaleando em nossa direção.

Ajoelhei-me em oração e pus-me a chupar, engolir e sugar com vontade renovada e honesta satisfação aquele macho que eu havia deflorado.

Ele guardara minha pureza dentro do seu corpo. Eu queria sentir a timidez da sua essência a escorrer pela minha garganta gasta. Direitos iguais. Questão de cega honraria.

Bigode se levantou, ficando ao lado de Sorriso Perfeito.

Deu-se início a um desfile de vigorosas punhas incontrolláveis entre mãos trocadas. Agora eu comandava a festa. Três felinos sincronizados com o meu ritmo.

Voz Potente delirava com o rodopiar da minha língua. Bigode e Sorriso Perfeito pareciam ascender a outro plano, onde olhos lacrados e mãos respeitadas dilaceravam os sexos em perfeita harmonia.

“Eu vou gozar. Eu vou gozar. Eu vou goz... Caralho!”, urrou Voz Potente.

O seu leite espesso estilhaçou minha garganta, num feixe direto e indolor; a luz invadindo imediatamente minha corrente sanguínea, sem nenhuma gota a ser desperdiçada.

O membro que alçara a maturidade perdia sua majestade. Pousei minha cabeça em uma de suas coxas rijas. Esparsos pelos cintilantes produziam cócegas nas minhas narinas roufenhas.

Apreciávamos Motorista e Sorriso Perfeito aumentarem seus impactos. Uma chuva beatificada jorrou sobre meu rosto tarimbado e parte da hóstia liquefeita escorreu nas coxas não mais virgens do falso cristão.

* * *

O resgate chegou quarenta minutos após o término da nossa festa particular. Quando surgiram as luzes amarelas e vermelhas do guincho mecânico, estávamos sentados no chão de areia, na frente do Pássaro de Prata abatido, jogando dominó à luz baixa da robusta lanterna, que havia sido posicionada em cima de uma caixa fincada numa duna próxima ao acostamento.

A fantasia se dissipara de vez. Éramos quatro homens compartilhando com serenidade o nosso destino. Nem lembrávamos mais do incidente com o ônibus decano.

Pelo que entendi, devido a um problema nos eixos (ou algo parecido), não foi possível remover o calhambeção com os recursos disponíveis.

O resgate chamou outro veículo de apoio, que chegou surpreendentemente rápido até onde estávamos. Abandonamos dois mecânicos experientes a navegar nas entranhas do grande pássaro.

Dirigindo uma maltratada Ford Ranger cabine dupla, um sonolento piá deixou cada um dos peludos em suas respectivas residências.

Realmente abismado, descobri que um dos “sobreviventes” morava pró-

ximo da minha nova casa. Uma distância pouco maior que duzentos metros separavam nossas privacidades.

Fui o último a ser despachado. Agradei ao jovem pela carona quando sua picape estacionou bem em frente ao meu jardim em formação, seguindo minhas instruções.

“Vocês ficaram quase três horas naquele fim de mundo jogando... dominó?”, questionou o mirrado alemão a destilar um ingênuo espanto.

“Se fosse comigo, eu acho que ia chutar algumas ondas e catava uns peixes na dentada”, ele concluir sua linda revolta macholística.

Seu timbre noctâmbulo demonstrava a falta de originalidade. Sorri com leveza e abri a estridente porta corroída pela maresia.

“Sim, meu jovem, aproveitamos para disputar a melhor partida das nossas vidas!”, respondi, irônico, ainda mantendo o sorriso automático nos lábios fechados.

Confuso, o jovem acenou-me um educado “boa noite”. Aguardei o utilitário ser engolido pela escuridão.

* * *

Entrei. Fui direto para o chuveiro.

A cristalina água escarpelante escorria pela minha pele rosada, maravilhosamente açoitada por carrascos de jade. Joguei litros de sabonete líquido com essência de erva-doce em uma das mãos. Ensaboei todo o corpo num insano vigor, como se não houvesse um Dia Seguinte.

* * *

Quatro batidas na porta.

Enrolado numa toalha branca, o corpo ainda umedecido e amornado, tomando uma Budweiser e decidindo o que ia comer, um Fons rabugento e trombudo estava prestes a enxotar aquela visita inesperada. Um Lou preocupado? Impossível.

Tive um sobressalto ao certificar quem era a aparição.

“Será que eu posso entrar?”, ele disse.

Meu olhar, boquiaberto, liberou a devida permissão.

Fechei a porta, trancando-a.

Deixei cair a toalha. Permiti o seu abraço fedorento.

O cheiro de um Marlboro recém-tragado invadiu minhas narinas. Sua boca procurou a minha. Ambas desesperadas.

“Como você encontrou minha casa?”, perguntei, atônito.

Ele se desfez da assinatura do trabalho, espalhando a gravata cinza, a camisa branca e a calça azul do seu uniforme pelo chão da sala.

Não havia pronta resposta. Não era imprescindível usar a razão naquele momento. Seu olhar novamente dissecava meu corpo, que agora estava fresco, limpo, embebido em súbito desejo de reviver a nossa história.

Confirmei o mesmo olhar. Idêntico ao do primeiro encontro.

Ele me desejava... não para mais alguns minutos de...

Ele seria meu amante para sempre, eu tinha certeza disso.

* * *

“Pegue”, ele ordenou.

Não obedeci de imediato.

Agarrei sua mão calejada e o levei para o chuveiro.

Novos jatos de água eletrificada envolviam corpos em vidro arrebatamento. Com as mãos repletas de erva, cuidei do seu corpo cansado com o merecido carinho. A espuma deslizava em seu peito grisalho; escorria pela sua barriga redondinha, caindo em suaves camadas pelo piso molhado.

“Chupe”, ordenei.

Bigode sorriu e tomou meu sexo em suas mãos, acariciando-o com acachapante respeito.

O motorista ajoelhou-se no piso grelhado. Sua boca macia rivalizava em temperatura com o jato de água que esperneava do chuveiro. Fechei os olhos. Autorizei meu anjo da guarda a viajar. Eu estava em boas mãos.

“Pare”, eu disse.

“Eu não quero terminar na sua boca”, agora era a minha vez de ditar todas as regras. Bigode sorriu.

Fechei o chuveiro. Retiramos o excesso de água dos nossos pelos inflamados, durante um esfrega-esfrega que ampliava nossa loucura de união eterna.

Fomos para o meu quarto. Entregamos nossos espíritos combalidos aos antigos prazeres com a complacência da Luxúria, abençoados pela Paixão.

Trançamos nossos pelos no resto da madrugada.

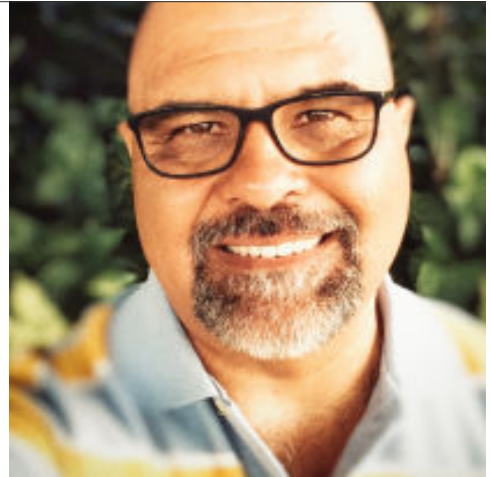
Motorista Bigode Friedbürc me amava. Do seu jeito, à sua maneira.

Uma aventura sem compromissos se transformara num amor inconsequente. De pensar que tudo começou numa Poltrona 47.

* * *

Era o fim das “viagens”?

Eu ganhei a certeza de que aquela não seria a última partida.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
